

Um Amor de Guerra

Por: Biatriz Rachid



Prólogo

Madeline era sulista e a favor da escravidão juntamente com seu pai que lutava pelos seus ideais, já Henry era nortista e contra a escravidão, ele lutava pelos seus objetivos e os de seu pai que já não se encontrava em posição de ir à guerra.

Capítulo 1

As diferenças sociais e brutais dos dois lados da Guerra foi o que me manteve em eternal angústia e medo durante quatro longos anos. Dentre 600 mil mortos, eu fui uma das poucas filhas que conseguiram sobreviver à dor da perda. Para mim, Madeline



Campbell, filha de Richard Campbell, mesmo após trinta anos, ainda é difícil relembrar estes fatos, mas já que com grande carinho meus netos me pediram para relatar essa estória. Contarei a minha percepção da Guerra da Secessão.

Em 1860 os Estados Unidos já sofria com a divisão norte e estados escravocratas e estados livres, e essa questão só seria resolvida pelas armas. No momento em que Abraham Lincoln (nortista) foi eleito, a Guerra estava declarada e meu pai estava preparado para lutar pela continuação da escravidão no sul, afinal a economia de nossa família e do sul inteiro era baseado na monocultura, nós não éramos avançados como o norte, precisávamos de escravos. Os primeiros a atacar fomos nós, do sul, meu pai não estava nesse primeiro confronto ao Fort Sumter. Richard Campbell foi participar dessa Guerra a partir ataque e foi nesse momento em que minha angústia e a de mamãe começou:

- Mãe, a senhora não pode deixar o papai partir, se isso acontecer, como vamos sobreviver? - Perguntei com lágrimas aos olhos.



- Minha querida, seu pai sabe o que está fazendo. Se ele está indo a Guerra, ele sabe de suas consequências. – Mamãe me respondeu calorosamente.

- Mas... - Tentei protestar e ela logo me cortou.

- Sem mas, minha filha. Seu pai está decidido, e a

única coisa que podemos fazer é apoiá-lo. – Minha mãe repreendeu-me e abraçou-me.

Enquanto tentava argumentar a ida de meu pai com minha mãe, Isabelle Campbell, ele arrumava seus pertences no quarto sozinho.

Em minha cabeça, meu pai estava apenas indo a Guerra por orgulho e não por vontade de brigar como seus amigos. Mas ele não fazia nada mal feito, portanto iria dar seu sangue pelo seu povo, e era disso que eu tinha mais medo. Guerras nunca são por uma boa causa. Mães perdem seus filhos, mulheres perdem seus maridos e milhares de pessoas perdem seus entes queridos. E tudo isso acontece por motivos econômicos.

Como Herman Ville já dizia: "Todas as guerras são infantis e desencadeadas por crianças." À medida que lembrava do que estava acontecendo pior ficava. Quando dei por mim, estava encolhida em minha cama aos prantos por ter que dizer adeus a meu pai e talvez nunca mais o ver.

Acabei por dormir e apenas acordar no dia seguinte. Despertei e logo levantei de minha cama para realizar minha higiene matinal. Surgi na cozinha e encontrei meus pais sentados à mesa tomando café da manhã, os dois se encontravam calados e não se atreviam nem a olhar um nos olhos do outro. Tive uma sensação estranha, nunca encontrei meus pais nessa situação.

- Bom dia. – Arfei sem nenhum ânimo.

- Bom dia, minha filha. – Papai respondeu e eu depusitei um beijo em sua testa.

-O que gostaria de comer, querida? – Minha mãe me perguntou cabisbaixa.

-Pode deixar que eu mesma preparo meu café, mãe. Sente-se. Exclamei, colocando o leite no copo e pegando o pacote de biscoitos dentro do armário. Enquanto isso, meu pai já havia se levantado da mesa e seguido para o quarto, para apanhar seus pertences.

Terminei de tomar meu café e encontrei meu pai sentado no sofá aguardando a hora de ir para o ponto de encontro de seus amigos. Sentei ao lado de meu pai e agarrei sua mão. Olhei fortemente em seus olhos, e um mar de lágrimas começava a se formar. Segurei o choro e apenas dei um abraço apertado em meu pai e um beijo em sua bochecha. Mamãe voltou do quarto com uma medalhinha de algum santo em que ela tinha fé, e a entregou na mão de meu pai. Uma lágrima escorreu de seu olho e então meu pai beijou seus lábios calmamente.

- Já são 7:15 da manha, eu preciso partir – Meu pai disse e deu um ultimo beijo em minha mãe e um último abraço em mim – Eu vou voltar – Ele prometeu e saiu porta afora.

Quando percebi, apenas enxergava a penumbra de meu pai. Olhei para minha mãe e ela não mais segurava o choro e sim desabava a chorar no sofá. Sentei-me ao seu lado e pus-me a chorar.

- A única coisa que podemos fazer agora é rezar e esperar pela sua volta – Falei aos prantos para minha mãe.

Após minha mãe parar de chorar, perguntei a ela se estava melhor e me confirmou que sim. Levantei-me do sofá e fui tornar-me a realizar os afazeres de casa com minha mãe, lhe ajudei a deixar a casa em ordem e com isso ela foi esquecendo-se da partida de meu pai. Papai era dono de uma grande plantação em Tenesse, era conhecido quase que pelo estado inteiro. Pouco antes da Guerra começar houve um churrasco com os maiores nomes do Tenesse, para decidir-se quem iria tomar a frente do nosso estado nesta Guerra. O nome mais indicado na reunião foi o de meu pai, por ele ter grande influência sobre alguns outros agricultores. Com ele fora da cidade, às únicas pessoas que tinham em casa eram os escravos, James Boyton, o braço direito de meu pai, minha mãe e eu. Particularmente, eu não gostava de James, ele era muito grosso e mal educado, e ainda achava que tinha algum direito sob minha mãe, papai não percebia essa atitude de James, ele sempre enxergava apenas a parte boa das pessoas. James não tinha nenhuma.



Certa vez o encontrei tentando agarrar minha mãe, quando gritei para parar o que estava fazendo ele veio em minha direção e apenas não me bateu, pois meu pai havia chegado e perguntado o que tinha acontecido. E agora que meu pai não estava em casa, sabia-se lá o que ele poderia fazer.

3 meses depois...

Tudo estava correndo bem, nada de anormal tinha acontecido. Minha mãe estava se acostumando com a ausência de meu pai e continuava sua vida tranquilamente. Eram 11hrs da manhã, quando ouvimos batidas fortes na porta da frente, mamãe imediatamente parou de preparar o almoço e eu parei de ler o livro que lia e corri até a porta. Quando abrimos a porta não acreditamos no que vimos. Abri a porta e dei de cara com meu pai, ele estava com uma feição cansada, tinha vários ferimentos no rosto e alguns cortes nos braços. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e rapidamente lhe dei um abraço cuidadosamente para não lhe machucar mais ainda, minha mãe que estava um pouco atrás de mim ainda estava em choque, não conseguia acreditar que seu marido estava de volta e ainda com saúde, ela já tinha ouvido várias histórias de maridos de suas amigas que já tinham falecido. Me separei de meu pai, e então ele olhou por detrás de meus ombros e sorriu. Mamãe o abraçou com ternura e lhe beijou seus lábios. Ficaram abraçados por longos minutos, apenas matando a saudade de longos três meses separados.



- Eu prometi que voltaria! – Disse beijando a minha mãe.

Quando fui perceber havia um rapaz encostado na pilastra de frente para a porta de minha casa, igualmente ferido. O rapaz era jovem, acho que pouco mais velho que eu apenas. Não entendi muito bem a situação e pus-me a perguntar:

- Pai, quem é este sujeito ferido a nossa porta?

- Minha filha, eu tive a alegria de capturar um soldado nortista. Com ele aqui, vai ser bem mais fácil saber o que seus companheiros estão planejando e com que tipo de armamento estamos lidando. – Meu pai me explicou.

- Mas pai, você pode fazer isso? – Perguntei com pena do rapaz de olhos azuis.

- Claro que posso, estou liderando o Tenesse, tenho permissão para tudo – Papai reclamou elevando seu tom de voz – Preciso colocá-lo no antigo estábulo. Vou mandar James cuidar disso.



- Minha filha, não estresse seu pai. Ele acaba de chegar de uma Guerra, deixe-o descansar – Mãe me encarou com um olhar de alívio por meu estar em casa.

Após meu pai resolver o problema do soldado que ele trouxe para casa, tomou um banho quente preparado por minha mãe.

Enquanto, ela cuidava dos vários ferimentos de meu pai eu continuava a preparar o almoço. Almoçamos todos como uma família de novo, após meu pai ter se alimentado deitou-se para descansar e minha mãe foi cuidar da cozinha. Ainda estava curiosa para saber mais daquele rapaz, apesar dele ser um soldado rival, ele estava muito ferido e precisava de ajuda. Peguei um pequeno kit de primeiros socorros de baixo de minha cama e segui para o antigo estábulo, me assegurei de que ninguém me viu adentrando ao local. Creio que se meu pai soubesse que fui ajudar um nortista que ele encarcerou, ficaria de castigo por um longo tempo.

Entrei no estábulo e observei que o rapaz estava deitado com todos os membros amarrados. Cheguei mais perto e percebi que estava inconsciente, peguei uma pequena vasilha que encontrei dentro do estábulo e a enchi de água em uma torneira velha que encontrei por ali. Apanhei uma pequena toalha dentro de meu kit e a afundei na vasilha. Comecei a limpar os ferimentos do rapaz e com isso ele acordou. No momento em que ele despertou eu levei um susto e dei um pulo. Fiquei estática, apenas observando seus olhos azuis.

Agora que ele estava consciente não sei se tinha coragem de continuar a limpar seus ferimentos, não o conhecia, não sabia se era perigoso, não sabia se tinha sido ele que tivera machucado meu pai.

E agora, o que eu iria fazer? Sair correndo e correr o perigo de algum dos escravos de meu pai me ver? Ou até mesmo James me denunciar para meu pai?

Nessa loucura de pensamentos, ele respirou fundo e abriu a boca e começou a falar.

- Olá, qual o seu nome?

Oh Meu Deus, ele falou comigo, ele perguntou meu nome. Eu respondo, ou eu minto meu nome? Será que ele vai conseguir se desamarrar e vai me matar? E insistiu.

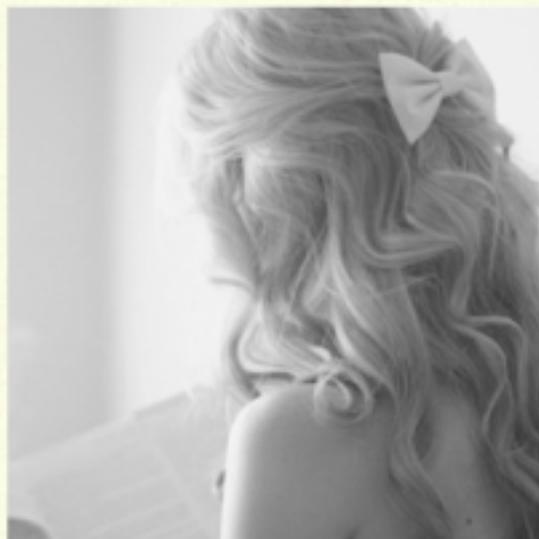
- Você fala? – ele me perguntou. Apenas balancei a cabeça em uma resposta positiva. – Então, qual o seu nome?

- Não sei se posso falar. – Olhei para baixo e disse baixinho.

- Fique calma, se você está pensando que eu vou te matar, eu não estou em condições de fazer isso. E mesmo que tivesse não o faria. Você é bela demais para alguém sequer pensar em matá-la. – Ele disse isso e então eu levantei meu rosto para olhá-lo. Ele também era bem bonito.

- Madeline. Madeline Campbell. - Respondi me aproximando.

- Oh, então você é filha de Richard Campbell, imagino. – Fiz que sim com a cabeça.
- Então, só você tem o direito de saber o nome dos outros, é? – Protestei e ele deu um sorriso meio torto.
- Outch. – Ele gemeu. – Henry Luther, de Massachusetts.
- Nossa, bem longe do Tennessee.
- Pois é... Então o que lhe moveu a ajudar um pobre rapaz?
- Não sei, você me parecia bastante machucado. – Dei de ombros. Me aproximei dele e peguei a toalha que havia deixado cair. Continuei a limpar seus ferimentos, e ele apenas me olhava sem dizer nada.
- MADELINE! – Escutei meu pai gritando meu nome.
- Eu tenho que ir. – Recolhi minhas coisas rapidamente e as pus na caixa. Quando estava saindo ele me disse.
- Obrigado, Madeline. – E sorriu torto. Sorri de volta e sai correndo de volta para casa.
- Onde você estava Madeline? – Perguntou meu pai.
- Estava lendo meu livro em baixo da mangueira. – Respondi escondendo cautelosamente meu kit de primeiros socorros atrás de me vestido. Ele apenas assentiu com a cabeça e eu segui para meu quarto. Guardei o kit em baixo de minha cama e fui tomar meu banho.



Eram apenas 18hrs e eu sentei-me ao sofá para ler meu livro e esperar minha mãe chamar para o jantar. Abri-o e comecei a ler a primeira página, quando dei por mim não estava prestando mais atenção no livro e sim no rapaz que estava aprisionado no estábulo, Henry. Ele deveria ser um pouco mais velho que eu,

ainda era novo para um soldado, eu tinha 17 anos ele deveria ter seus 22 anos. Ele era um homem bastante bonito, seus olhos azuis compenetrantes conquistavam qualquer garota, deveria ser um galanteador de primeira em sua cidade. Me perdi em meus pensamentos, e acordei quando escutei minha mãe me chamando.

- Já estou indo, mamãe. – Fechei meu livro e segui para a cozinha. Enquanto isso meu pai azeitava sua colt 45. Cheguei à cozinha, e o cheiro dos legumes cozidos tomava conta do lugar.

- Coloque a mesa, por favor, Mads. – Assenti com a cabeça e me agachei para abrir o armário. Apanhei os pratos e talheres no fundo do armário e os pus sobre a mesa, ajeitei-os cuidadosamente e então coloquei os copos junto aos pratos. Assim que terminei de arrumar a mesa, minha mãe já vinha com os legumes prontos, peguei a travessa de feijão e fiz o mesmo que minha mãe.

- Richard, o jantar está pronto. – Mamãe gritou.

Em instantes papai chegou à cozinha e nos sentamos à mesa para comer. Ele contou a mim e a mamãe os detalhes da Guerra e como tudo aconteceu, esclareceu a mim também como ele havia capturado Henry. Houve um ataque na base em que meu pai se encontrava e 30 soldados atacaram esse lugar,



muitos conseguiram sair de lá bastante feridos. Henry se encontrava bastante machucado e sem condições algumas de ir para algum lugar, meu pai se aproveitou da situação e foi quando ele trouxe Henry para casa, eu realmente não sei que tipo de informações ele espera tirar do soldado machucado. Terminamos de jantar e meu pai se retirou da cozinha, peguei uma pequena vasilha de plásticos e coloquei legumes e feijão dentro, escondi a vasilha dentro de um armário e ajudei minha mãe a lavar a louça. Apanhei meu livro no sofá e voltei à cozinha para pegar a vasilha, quando estava saindo pela porta à voz de meu pai me parou.

- Aonde está indo, Madeline? – Ele perguntou.

- Estou indo ler meu livro sob o céu estrelado, pai. Está tão lindo hoje, o senhor já viu? – Perguntei com meu coração na mão.

- Não, não olhei. Pode ir, mas não volte muito tarde. Estarei te esperando. – Exclamou me olhando seriamente.



- Sim, senhor. – Concordei e segui pela varanda pegando a lamparina. O caminho até o estábulo está bastante escuro, a única certeza de que eu não iria cair era por causa da lamparina. Cheguei ao estábulo e apenas pude ver o rosto de Henry iluminado pela luz das estrelas que escapava pela fresta da madeira. Eram 20hrs e ele estava adormecido. Me aproximei dele e chamei pelo seu nome em voz baixa.

- Henry! – No momento em que pronunciei seu nome e ele mexeu seus olhos e os abriu. Piscou algumas vezes para ter certeza do que estava vendo e pronunciou meu nome meio atordoado.

- Madeline? O que está fazendo aqui?

- Trouxe comida para você, não consegui trazer água, me desculpe. Se eu trouxesse meu pai iria desconfiar de mim. – Lhe entreguei a vasilha com comida e a colher embrulhada em um guardanapo. Me sentei ao seu lado e coloquei a lamparina entre nós.

- Você não precisava fazer isso, Madeline. – Ele falou envergonhado. – Não precisa, é sério.

- Eu meio que me senti na obrigação de fazer isso. E outra coisa, eu sei que você é soldado, forte e aguenta tudo, mas você... - À medida que fui falando isso, ele foi começando a abrir um largo sorriso. – O que foi que está rindo de mim? Você precisa comer!

- É engraçado, era para nós sermos inimigos e você mal me conhece. Primeiro, cuidou de meus ferimentos e agora me dá comida? O que está tramando para cima de mim.

- Não é só porque estamos em uma Guerra e somos inimigos que eu tenho que ser desumana com você. Acredito que seus ideais sobre a Guerra estão errados, mas nem por isso posso deixá-lo sem comer. – Me expliquei.

- Muito obrigado, por estar fazendo isso por mim. – Ele agradeceu.

- Por favor, coma. – Pedi em tom singelo. Ele agarrou a vasilha e a abriu, desembulhou a colher do guardanapo e se pôs a comer. Ele se alimentava com certa urgência, eu estava certa, a fome o estava consumindo. Dei um pequeno sorriso ao vê-lo comendo. E ele parou por um momento de comer.

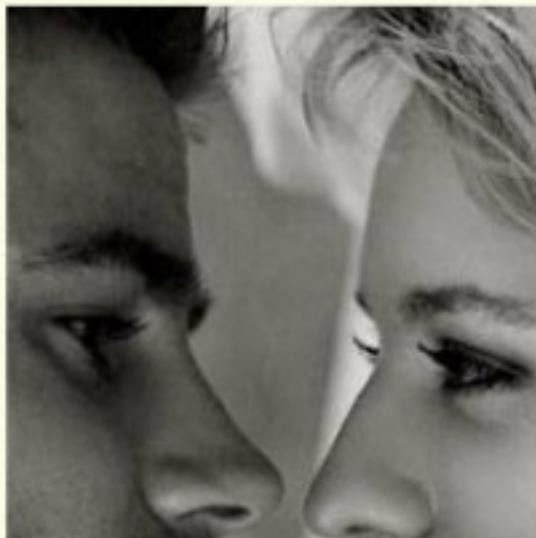
- O que foi? – Perguntou-me.

- Eu estava certa. – Sorri para ele.

- Sobre?

- Você estar com fome.

- É claro que eu estava com fome, não como há quase uma semana. Só que eu sou um soldado, não posso deixar que pensem que sou um fraco.



- Ele terminou de comer, tampou a vasilha e embrulhou a colher novamente no guardanapo.

- Até parece que iria o achar mais fraco por sentir fome. Sentir fome é natural do ser humano. Eu não sou igual a meu pai. – Expliquei novamente.

- Você por algum motivo é diferente das outras garotas com quem já convivi. – Senti uma pontada estranha quando ele falou outras garotas.

- Diferente, como? – Perguntei-o.

- Você se importa. – Exclamou e olhou diretamente em meus olhos.

Corei e rezei para ele não perceber minhas bochechas rosadas. De algum modo estranho, eu sentia o mesmo. Ele era diferente dos pretendentes que meus pais arranjavam para mim. Seu sorriso era diferente, seus olhos pareciam ser mais azuis que o mar, e seus machucados lhe denunciavam



um lado frágil, que eu nunca tinha conseguido enxergar em nenhum outro homem. Ele era um homem e não um garoto querendo tirar vantagens sobre as meninas. Se os caras que eu conheço estivessem em seu lugar, com certeza já teriam tentado se aproveitar de mim, ele não. Apenas disse o quanto eu era bonita e solidaria.

- Um dólar por seus pensamentos. – Ele pediu.
- Você não tem um dólar. – Ironizei e ele gargalhou.
- Isso não é justo. – Ele reclamou.
- Mesmo se você tivesse um dólar, não iria lhe falar. Seria desperdício de dinheiro, penso muita besteira. – Disse.
- Pois eu acho que seria um dinheiro muito bem gasto. – Ele piscou e eu ruborizei novamente.
- Você fica bastante vermelha. Isso revela algumas coisas. – Sorriu de lado.

- Não era para você estar vendo isso. - Reclamei, movendo a lamparina de lugar.

- A luz que sai da lamparina é pouca, mas mesmo assim consigo enxergar suas bochechas rosadas. – Sorri com a cabeça baixa e aproveitei para olhar em meu relógio, 22hrs. O tempo havia passado voando e eu nem tinha percebido, juntei minhas coisas e fui saindo.

- Tchau, Henry. – Disse timidamente.

- Tchau, Madeline. – Ele sorriu.



Capítulo 02

Cheguei á casa e meu pai estava me aguardando na porta. No mínimo iria levar uma bronca por não ter olhado a hora, já estava tarde e eu deveria estar em meu quarto.

- Falei para não voltar tarde. – Meu pai resmungou.

- Desculpa pai. Perdi a hora lendo meu livro. Estava muito interessante. – Tentei me explicar.

- Espero que isso não se repita. – Ele disse e abriu passagem para eu entrar em casa.

Coloquei a lamparina em seu devido lugar na varando e entrei em casa. Fui à cozinha para guardei a vasilha e depois me direcionei para meu quarto, peguei minha roupa de dormir e fui ao banheiro fazer minha higiene pessoal. Entrei em meu quarto e me deitei em minha cama e novamente fui tomada pelos pensamentos do soldado Henry. Eu tinha que tirar ele de minha cabeça.

Adormeci alguns minutos depois. Acordei um pouco mais tarde do que de costume, afinal era sábado. Mesmo sendo sábado ainda teria aula de latim, na parte da manhã e aula de bordado à tarde. Hoje iria ter um sarau na casa de um amigo dos meus pais, iriam recitar poemas e dançar como sempre.



Não estava muito animada para ir, segundo meu pai, era aonde eu iria arranjar um noivo. Particularmente não gostava dessa ideia de casamentos arranjados. Casar com uma pessoa que você nem conhece direito, dizem que depois de um tempo você começa a se apaixonar pelo seu marido. Foi assim com meus pais, mas eles são diferentes. Não sei se conseguiria.

Levantei-me e fiz minha higiene matinal como sempre. Eram 9hrs da manhã e fui tomar meu café. Comi meus usais biscoitos e minhas torradas com geleia. Minha mãe estava bordando suas toalhas de mesa e meu pai estava na cidade resolvendo assuntos de negócios, provavelmente da Guerra.

Após tomar meu café, voltei ao meu quarto para trocar de roupa. Quando voltei para sala meu professor de latim já havia chegado, fomos para o escritório e apanhei meus livros na estante. No momento em que abri meu livro, o professor começou a explicar alguns pontos complicados da gramática em que eu estava com dúvidas. O professor esclareceu minhas dúvidas e me passou uma lista de exercícios para



praticar a gramática, me indicou um livro em latim, para praticar minha leitura. A hora do almoço se aproximava e meu professor se despediu de mim. Guardei delicadamente meus livros e anotações onde se encontravam anteriormente. Fui à varanda procurar minha mãe e ela não se

encontrava lá, fui à cozinha e encontrei-a auxiliando Marie na preparação do almoço. Peguei duas maçãs, enquanto minha mãe estava distraída, uma eu enrolei em um guardanapo que estava próximo a mesa e outra dei uma mordida suculenta.

Enquanto o almoço não ficava pronto e enquanto meu pai não chegava fui ver como Henry estava. Ao chegar ao estábulo, Henry estava sentado olhando para um ponto fixo. Como se estivesse hipnotizado por alguma coisa.

- Bom dia. – Lhe cumprimentei.
- Madeline. – Ele sorriu.
- Adivinha o que eu lhe trouxe? – Perguntei sorridente.
- Você vai acabar me deixando gordo desse jeito. – Ele satirizou e eu cheguei mais perto. No momento em que iria lhe entregar a maçã escutei a voz de meu pai e a de James conversando.



- Já esperei tempo demais, está na hora de retirar alguma informação desse homem. – Papai foi chegando mais perto da porta do estábulo. Olhei assustada para Henry, e ele moveu seus lábios falando para eu me esconder. Corri para detrás de umas caixas de madeira e me agachei. Escutei um barulho de porta batendo e então meu pai entrou, e logo depois veio James em seu encalço.

- Teve bastante tempo para descansar não é, soldado? – Papai perguntou e Henry apenas o encarava. – Como foi sua estadia? Conseguiu melhorar? – Meu pai falou ironicamente, nunca tinha o visto falar com alguém daquele jeito. – Eu só vou lhe perguntar uma vez, e se você não me responder, não vou ser responsável pelo o que meu amigo aqui irá lhe fazer. – E apontou para James. Eu estava realmente ficando com medo de meu pai. – Quais são as cidades que o Norte está pretendendo atacar? É melhor você me falar logo ou isso não vai terminar bem. Você só vai nos ajudar em apenas mais uma batalha. Não sei se você sabe, mas ganhamos a batalha de Chancellorsville. George Gordon Meade está em nossas mãos, Lee, e todos nós vamos acabar com ele.

- Me parece então que as coisas vão ficar feias – Henry respondeu e eu arregalei os olhos – Me desculpe, não vou falar nada – Meu pai apenas olhou para James e ele foi chegando perto de Henry e deu chute na barriga, ele apenas gemeu e eu quase fui ajudá-lo. Suas mãos estavam amarradas, a única coisa que ele podia fazer para se defender era se encolher.

- Tem certeza de que não vai falar? – Papai perguntou mais uma vez. Henry machucado apenas negou com a cabeça e James lhe chutou a barriga e começou a dar seguidos socos em seu rosto. Não aguentei aquilo e fechei meus olhos, apenas escutando seus gemidos e o barulho dos socos e chutes. Depois de um momento Henry não gemia mais e então abri meus olhos e percebi que ele estava desacordado. James olhou com cara de satisfação para meu pai e os dois saíram do estábulo. Assim que tive certeza que eles já não se encontravam no estábulo fui à direção de Henry. Ele estava bastante machucado, sua boca sangrava, um de seus olhos estava roxo e sangue escorreu por um ferimento aberto acima de sua sobrancelha. Tomei certo cuidado e levantei sua blusa para ver como estava sua barriga estava horrivelmente roxa. Seu estado físico estava bastante grave, a única coisa que podia fazer era desamarrá-lo e colocar sua cabeça em meu colo, tomei cuidado para não escorrer sangue em meu vestido. Avistei um pano velho no chão, e o peguei, abri a torneira que tinha no estábulo e molhei um pouco o pano velho, primeiro tentando tirar a poeira do mano e depois para umedecê-lo. Voltei para o lugar de antes e fui tirando o

excesso de sangue que havia em alguns ferimentos. Terminei de limpá-lo e ele ainda estava desacordado. Amarrei-o novamente e deixei a maçã perto de sua mão, de um jeito que ele conseguiria comer. Voltei para a casa e meu pai estava conversando com James na varanda, entrei em casa sem nem



olhar para os dois. Fui para meu quarto, peguei outra roupa e segui para o banheiro, precisava de um banho.

Aquela situação havia me deixado confusa. Nunca tinha visto meu pai daquele jeito, tão frio, tão sombrio, não parecia o pai que havia me criado por 19 anos. Deixei a água escorrer por meu corpo e tirar todos os vestígios de sangue que ainda existiam em minha pele. Fiquei imaginando como seria na Guerra, se ali a apenas cem metros de minha casa tinha sido tão assustador, como seria na Guerra, corpos e mais corpos sem vida, sangue esguichando por todos os lados, pó de pólvora cobrindo a grama verde. A cena deveria ser assustadora. Sai do banheiro já vestida e segui para a mesa, onde o almoço já estava posto. Sentei-me a mesa e meu pai sorriu para mim como se nada havia acontecido me perguntou como tinha sido minha aula e se eu havia aprendido coisas novas. Quase não consigo responder a suas perguntas. Respondi friamente e apenas continuei a comer. Meus pensamentos estavam totalmente confusos, embaralhados em minha cabeça. Terminei de comer fui para a varanda. Minha professora de bordado já estava me

O tempo passou rapidamente, quando percebi minha professora já estava indo embora. Fui para meu quarto escolher o vestido que eu usaria mais tarde, optei por longo preto com decote em V.

Tomei meu banho sem pressa e quando voltei para meu quarto Ellie me aguardava para me ajudar a colocar o vestido. Coloquei o corpete e Ellie começou a amarrá-lo.

Cada vez que ela apertava mais, eu dava um suspiro, colocar toda essas roupas dava muito trabalho. Ellie terminou de amarrar o corpete e me ajudou a vestir o hobby. Sentei-me a penteadeira e comecei a passar a maquiagem em meu rosto. Fiz uma linha preta fina e delicada em minhas pálpebras e depois passei o batom vermelho em meus lábios. Olhei para Ellie e deu um largo sorriso.

- Como estou? – Perguntei a ela.

- Linda como sempre, uma boneca de porcelana. – Respondeu e sorriu. Quando olhei no relógio já estava quase na hora de sair. Coloquei o vestido e as luvas brancas. Entrei na sala e meu pai se encontrava sentado no sofá e minha mãe ainda estava no quarto se arrumando. De repente minha mãe entra na sala com vestido verde oliva estonteante. Meu pai tirou os olhos do jornal e passou a observar como minha mãe estava. Meus pais começaram a conversar enquanto não dava o horário de sair de casa. Enquanto eles conversavam fui sem ninguém perceber à cozinha, peguei um pacote de biscoitos de apanhei a lamparina na varanda.

Corri para o estábulo e abri a porta. Henry estava desacordado, cheguei um pouco mais perto e toquei seu ombro. Percebi que a maçã estava intocada.



- Henry. – O chamei e ele abriu os olhos devagar. -

Henry. – Chamei novamente e ele abriu os olhos. Desamarrei suas mãos e então lhe

entreguei o pacote de biscoito junto a maçã que eu havia deixado ao seu lado mais cedo.

- Seu pai. – Ele murmurou.

- Eu sei, não fala nada. Come, você deve estar faminto. – Falei com pena de Henry e seus ferimentos.

- Seu vestido. – Ele falou baixo. – Você está tão bonita. – Sorri envergonhada e empurrei a comida que havia trazido.

- Coma, por favor. – Pedi.

- Você está muito bonita. Seus lábios estão tão vermelhos. – Fiquei bastante envergonhada com os comentários de Henry.

- Você está delirando. Está muito machucado e com fome. – Falei e abaixei para abrir o pacote de biscoitos. – Por favor, coma. Eu preciso ir. – Sorri com a cabeça baixa e me virei para a porta do estábulo e peguei a lamparina. Voltei calmamente para casa e entrei pela porta dos fundos.



Tirei a sujeira que havia grudado em meu vestido e coloquei a lamparina em seu devido lugar, lavei minha mãos e voltei para a sala. Meus pais estavam apenas me aguardando.

- Onde estava, Madeline?
- Meu pai me perguntou.

- Estava terminando de me arrumar, desculpa

pela demora. - Respondi meio receosa com medo do que meu pai poderia fazer comigo.

- Sem problemas, minha filha. Vamos? - Sorrii e me abraçou de lado.

Sáímos de casa às 19hrs e levamos cerca de trinta minutos para chegar à casa do amigo de meu pai. Chegando lá, a estrada que dava para o local onde iríamos ficar estava toda iluminada por pequenas tochas fincadas na grama. Iríamos ficar era a varanda da casa do amigo do meu pai, estava decorada com mesas forradas por toalhas brancas e cadeiras da mesma cor, em cada mesa havia um arranjo com pequenas flores laranjas. Mais a frente onde as varanda terminava havia uma fogueira e algumas cadeiras para as pessoas que iriam tocar e recitar algumas poesias. Eu e meus pais nos sentamos a mesa onde já se encontrava uma família amiga de meus pais. O filho deles Mathew O'Donnell, já havia tentado flertar comigo, ele era um dos pretendentes que meu pai arranjara para mim. O problema era que ele se achava demais e era um tanto arrogante, mas o pai dele era dono de



quase metade das terras do Tenesse, portanto era esse o motivo maior de quererem que a gente se casasse. Os empregados começaram a servir um aperitivo e colocaram vinho tinto na taça dos adultos. Meu pai estava conversando com um amigo sobre algo referente a guerra e minha mãe estava discutindo com Rachel O'Donnell quem fazia o bordado mais bonito e eu estava encarando Mathew.

- Tudo bem? – ele perguntou com ar de superior.
- Tudo ótimo e com você? – Falei querendo não estar ali.
- Tudo ótimo também. Faz bastante tempo que não a vejo. – Ele falou dando uma piscadinha e eu revirei os olhos sem ele perceber.
- Pois é. – Respondi sem mostrar qualquer ânimo.
- Como vão suas aulas? – Ele perguntou tentando fazer surgir algum assunto entre nós.

- Normais. Eu preciso ir ao toalete, com licença. – Disse isso e me levantei para ir ao banheiro. Segui para o banheiro e assim que entrei me apoiei na pia e dei um longo suspiro, eu queria ir para casa. Na verdade, eu não queria estar em lugar nenhum, estava cheia dessa vida sem propósitos e com várias mortes. E por um momento queria estar nos braços

de Henry. Não isso não podia estar acontecendo, eu não podia estar me apaixonando por uma pessoa que eu mal conhecia, e ainda mais logo ele, a única pessoa em todo o mundo que eu não deveria me apaixonar. Minha cabeça estava girando, eu não sabia o que fazer. Lavei minhas mãos que suavam frio e saí do banheiro.

Cheguei a varanda e Mathew conversava animadamente com meu pai e o seu, passei direto pela mesa e fui para perto da fogueira. Eu não sabia o que estava acontecendo, o que eu sentia por Henry era um sentimento diferente, profundo. Nunca havia sentido aquilo antes. Precisava esquecer isso imediatamente, ele nunca iria sentir o mesmo por mim. Olhei para meu pai e olhei para Mathew novamente. Ele era minha única opção, eu teria que casá-lo com ele. Depois de organizar meus pensamento em seus devidos lugares, voltei a me sentar em meu lugar. Sorri para minha mãe e tomei um gole do líquido transparente que havia em minha frente.

Comi um pouco do que haviam nos servido e apenas fiquei olhando para as pessoas em nossa volta, todos pareciam

felizes com seus familiares. Como essas pessoas conseguiam viver suas vidas tranquilamente enquanto milhares de pessoas morriam na guerra. Certas coisas não faziam sentido.

Ficamos por mais algum tempo ali, até que meu pai decidiu que era de irmos para casa. Chegamos em casa rapidamente e eu apenas sibilei um baixo boa noite e entrei para meu quarto.

Chamei Ellie para me ajudar a tirar o vestido e em instantes ela já estava em meu quarto. Tirei o vestido e Ellie o guardo enquanto eu seguia para o banheiro para lavar meu rosto. Passei a água e o sabonete calmamente por meu rosto, enxuguei-o e voltei para meu quarto. Cheguei em meu quarto e Ellie já havia preparado minha cama, afastei o coberto para o lado e deitei. Quando dei por mim o sol entrava pela pequena fresta aberta pela cortina, cocei meus olhos e os abri com cuidado por causa da claridade. Me espreguicei e olhei no relógio que marcavam 8hrs da manhã, ainda estava cedo e não tinha motivos para eu acordar. Aproveitei que provavelmente meus pais ainda estavam dormindo e levantei, coloquei um vestido qualquer e corri para a cozinha. Preparei um pequeno sanduíche natural e o embalei em papel toalha. Andei calmamente até o estábulo e abri a porta, milagrosamente Henry estava acordado.

- Milagre, lhe encontrar acordado. – Sorri complacentemente.
- Garota, já lhe disse que vai me deixar gordo desse jeito. – Ele falou tentando se desamarrar da corda.

- Até parece, né? E calma que eu já vou desamarrar você. – Balancei a cabeça rindo. Me aproximei dele e comecei a desamarrá-lo. Por um momento percebi o tanto que estávamos próximos, seu nariz quase encostava no meu e sua mão já se encontrava por cima da minha. Nos encaramos por longos segundos que pareceram uma eternidade e então me afastei dele,

aquilo parecia completamente errado. Ficamos nos olhando por um tempo e percebi como aquilo era constrangedor e minhas bochechas começaram a ficar rosadas. Entreguei-lhe o sanduíche e fui me levantando para voltar á casa, quando a mão de Henry segurou meu braço e eu simplesmente paralisei. Me abaixei novamente e olhei em seus olhos e de repente uma de suas mãos foi para em meu rosto. Não conseguia tirar meus olhos do seus, era como se eu estivesse hipnotizada por seus olhos azuis. Henry foi chegando mais perto e senti seus lábios tocarem nos meus, eu nunca havia beijado nenhum homem, não fazia a mínima ideia do que fazer em um momento como esses. Uma de suas mãos segurava meu rosto e a outra se entrelaça com meus dedos. Sua língua pediu passagem e eu deixei. Foi um beijo calmo e apaixonado. Pronto, era isso eu tinha me apaixonado por ele, em menos de duas semanas. Isso era errado, muito errado. Mas eu gostava disso, e de um jeito incrivelmente estranho ele me fazia sentir feliz. Me afastei dele e o olhei um pouco assustada. Eu não devia ter feito aquilo. Me levantei e fui até a porta.



- Madeline! – Ele me chamou e eu olhei. – Eu não estava delirando ontem, você estava incrivelmente linda. Seu vestido era maravilhoso. – A única coisa que consegui fazer foi abrir a boca e expressar um pequeno “Oh” e sair pela porta. Voltei para meu quarto um pouco atordoada e tentando esquecer e lembrar deste momento para o resto da minha vida. Entrei em meu quarto pus minha camisola novamente e deitei em minha cama. Numa tentativa falha de voltar a dormir apenas consegui pensar no beijo de Henry. Como aquilo tinha conseguido mexer tanto com aquilo, Mathew nunca tinha tido esse efeito sob mim. O que estava acontecendo comigo. Eu estava apaixonada por uma pessoa que nem conhecia direito, ele mexia comigo de um jeito totalmente diferente. Não consegui voltar a dormir e as horas foram se passando, não via a hora de voltar a vê-lo. O tempo passou extremamente rápido, acordei, almocei, fiz o que tinha para fazer hoje e quando percebi já estava na hora do jantar. Eu precisava levar comida para ele. Fiz como da primeira vez, peguei uma pequena vasilha e coloquei a comida que haviam feito para o jantar. Me apressei para colocar um vestido mais bonito e corri para o estábulo.

Chegando lá percebo que Henry está machucado novamente, me aproximo mais dele e percebo sua boca sangrando e não penso em perguntar.

- O que houve? – Olhei para ele sem entender nada.

- James, eu acho que esse é o nome dele. – Henry respondeu e fez uma cara de dor. Tentei ajudá-lo com que tinha ali.

Perguntei o que meu pai queria dessa vez e ele disse que a mesma coisa do dia anterior. Queria ver até que ponto meu pai iria até conseguir achar as respostas que queria. Isso era errado, muito errado. Estava chegando o momento em que eu chegaria ao estábulo e Henry estaria à beira da morte. Não isso não iria acontecer, eu não deixaria isso acontecer. Limpei os ferimentos de Henry e o esperei comer para levar a vasilha novamente para casa. Quando fui dizer adeus para Henry sua mão segurou levemente meu pulso e me puxou para mais perto e me disse olhando diretamente em meus olhos.

- Eu realmente não sei o que você tem de diferente. Eu não consigo para de pensar em você, garota. – O olhei querendo poder dizer o mesmo e apenas fiquei calada. Seus lábios encostaram-se aos meus e ele me deu um pequeno beijo de despedida. Levantei em um pulo e voltei para casa.



Capítulo 03

Uma semana se passou e eu continuava vendo Henry e levando comida para ele. Os escravos de vez em quando levavam alguma coisa para ele comer, mas sempre eram as sobras das comidas deles, nada saudável. Era sábado e nós tínhamos um baile mascarado para

ir, mais uma vez teria que aturar Matthew. Estava indo para o estábulo pela segunda vez em um mesmo dia, quando escutei algumas pegadas atrás de mim. Estava com medo de olhar para ver quem era. Senti meu corpo sendo puxado para trás e fechei meus olhos.

- Então é por sua causa que o soldado anda sobrevivendo tão bem. – Quando escutei aquela voz fechei ainda mais meus olhos numa tentativa de sumir daquele lugar. James puxava meu cabelo com uma força imensurável. Meu braço começava a ficar de uma tonalidade roxeada misturada com preto.

- O que você quer? – Perguntei com cara de nojo.

- Eu ainda estou pensando o que vou fazer com você. Se eu conto para o seu papai queridinho ou se eu tiro proveito dessa situação. – E me olhou de baixo para cima. – Acho que o papai vai ficar muito desapontado com a filhinha se souber disso, né? – Apertei ainda mais meus olhos e James passou sua mão de meu braço para minha cintura. Sua outra

mão soltou meu cabelo e passou a segurar meu queixo. Tentei virar o rosto e ele me virou fazendo com que eu assistisse aquela cena. Começou a desamarrar meu vestido e me jogou contra a grama.

Não estava acreditando no que James havia acabado de fazer comigo, meu corpo todo reclamava de dor, tinha sangue embaixo de mim e uma mancha enorme em meu vestido.

Lágrimas caíam constantemente de meus olhos. James se levantou e me olhou com uma cara de satisfeito.

- Do mesmo jeito que você entra escondido em casa quando vai visitar seu soldado, vai entrar escondida agora sem ninguém ver esse sangue todo em sua roupa. – Me deu um sorriso sarcástico e continuou. – Se você contar alguma coisa a seu pai, seu soldadinho não vai sobreviver para te salvar das próximas vezes. – Falou e saiu andando. Me vesti novamente e voltei para casa cambaleando, me certifiquei de que estavam todos dormindo ou pelo menos fazendo alguma coisa em que estivessem ocupadas. Entrei em meu quarto e escutei a voz de meu pai discutindo com James.

- Temos que conseguir tirar alguma informação daquele soldadinho. – Meu pai falou exasperado.

- Eu já fiz tudo o que podia, Richard. – E o que não podia, pensei comigo mesma.

- Você não entende a gravidade da situação não, é? – Papai



gritou com James. – Buckner se rendeu, perdemos a batalha de Gettysburg e Stonewall Jackson morreu. Você tem ideia de quem foi Stonewall?

- Não, senhor, não tenho.
- James respondeu.

- Foi um dos principais

oficiais de nossas Forças Armadas. Você realmente não serve para nada, seu imprestável! Saia daqui. – Ouvi o bater da porta e passadas em direção ao quarto do lado. James estava indo descontar sua raiva em Henry e tentar tirar alguma informação dele. Encostei na porta, agachei-me e tornei a chorar. Passaram-se pelo menos vinte minutos e eu não conseguia parar de chorar. Arranquei aquelas roupas de mim e pus dentro do cesto com ódio. Entrei dentro da banheira e comecei a esfregar a bucha com tanta raiva que minha pele começou a sangrar. Não me importava, queria tirar as mãos dele de meu corpo, seu cheiro, tudo. Ellie apareceu em meu quarto com o vestido que usaria aquela noite. Colocou o vestido em mim enquanto eu apenas pensava em como queria matar James. Ellie fez uma maquiagem bem simples em mim. Meu rosto estava sério e ao mesmo tempo demonstrava tristeza e solidão por trás da maquiagem.

- O que houve com você pequena Mads? – Ellie perguntou.

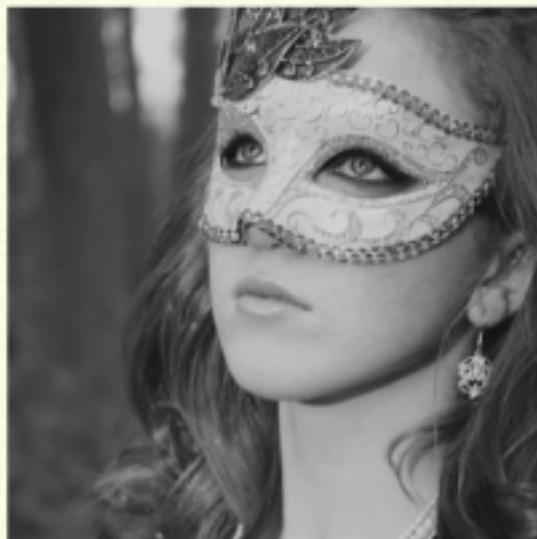
- Nada, Ellie. Apenas o mesmo de sempre cansaço e saco cheio de ter que ir nesses eventos. – Sorri amarelo.

- Não é? – Ellie levantou uma de suas sobrancelhas como se soubesse o que estava acontecendo.

- Eu não quero falar. – Abaixei a cabeça.

- Tudo bem, mas quando quiser conversar sabe onde me encontrar!

- Balancei a cabeça e



ambas saímos do quarto. Meus pais já me esperavam. Peguei minha máscara em cima da mesa e segui meus pais. O baile seria no centro da cidade, chegamos ao salão e ele estava belamente decorado, com flores e toalhas lindamente bordadas. Todos os talheres perfeitamente polidos e todas as taças brilhavam. Sentamos em uma grande mesa redonda que tinha nossos nomes escritos em pequenos papéis. E novamente a família O`Donnell se encontrava na mesma mesa que a gente. Enquanto meu pai discutia sobre a guerra com os membros da Confederação, Matthew contava alguma estória que não me interessava. Começaram a tocar músicas lentas e as pessoas começaram a tomar lugar na pista de dança. Matthew olhou para a pista e depois para mim.

- Nem pensar. Não danço bem. – Falei seriamente.
- Por favor, uma dança. – Ele pediu.
- Desculpa, mas não. – Ainda estava muito dolorida.
- Apenas uma dança. – Ele implorou.

- Vá, minha filha. – Papai entrou na conversa e insistiu. Percebi que não teria escolha e me levantei. Cambaleei um pouco até a pista e Matthew me segurou.

- Você está bem? – Ele perguntou.

- Ótima. – Respondi. Uma de suas mãos segurou levemente minha cintura e a outra entrelaçou os dedos com os meus.

- Você não gosta mesmo de mim não, é?

- Gosto, ué. Como amigo, claro.

- Eu sabia. O modo como você reage quando está perto de mim. – Ele exclamou.

- Não é que eu não goste de você. – Tentei me explicar.

- Não precisa se explicar, Madeline. Eu entendo, apenas dance comigo essa noite. – Assenti com a cabeça e dei um pequeno sorriso. Pela primeira vez ele estava sendo legal comigo. Apenas continuei a mover meus pés de acordo com a melodia.

A música terminou e eu não queria me sentar, queira ficar ali me mexendo de acordo com a música como se nada estivesse acontecendo. Queria que tudo aquilo terminasse logo. Matthew fez menção de ir para mesa para sentar e eu o segurei, continuei a dançar a próxima música e ele apenas me seguiu e continuou dançando comigo. O tempo passou rapidamente e quando percebi estava indo para casa. Tirei minha roupa e deitei em minha cama do jeito que estava.

Acordei ainda mais dolorida hoje do que no dia anterior. Me vesti e fui para a cozinha preparar meu café da manhã. E quando cheguei lá, Ellie já havia preparado minhas panquecas.

Comi minhas panquecas e depois peguei algumas frutas para levar para Henry. Por incrível que pareça eu estava totalmente desanimada para encontrar ele.

Olhei para Ellie que estava encostada na porta dos fundos, lhe dei um beijo na testa e segui para o estábulo. Abrindo a porta percebi que Henry estava machucado de novo. Eu estava cansada de James, achando que era superior as outras pessoas. Cheguei mais perto de Henry e o abracei, ele acordou e uma lágrima escorreu de meus olhos.

- O que houve, Madeline. – Henry me perguntou.
- Nada. – Limpei meu rosto e sorri para ele. – Trouxe algumas frutas. – E as estendi para ele.
- Não minta para mim, o que aconteceu? – Ele insistiu.
- Nada, só que não aguento mais ver você sofrendo. – Menti.
- Não fique assim por minha causa, vou me sentir mal desse jeito. – Ele pegou minha mão e depositou um beijo. Sorri para Henry e agarrei sua nuca. Ele me olhou sem entender.
- Eu precisava disso. – Olhei para Henry.

- Ao seus dispor, madame. – Sorri para Henry e balancei a cabeça negativamente.

- Também não é assim né. Só vim lhe trazer essas frutas mesmo. Eu preciso ir. – Lhe dei mais um beijo e sai do estábulo.

Voltei para casa e fiz minhas tarefas marcadas para o dia. Os dias foram se passando e cada dia Henry era atacado por

socos e chutes até o dia em que ele cansou de levar surras e revelou para James e para meu pai que o Norte iria atacar Corinth aqui no Tenesse. Mas já era tarde demais, ele revelou isso apenas um dia antes do previsto. Segundo ele, estava tentando fazer com que meu pai me protegesse já que ele não teria como. Ele falou para meu pai sobre essa batalha por minha causa, não queria que eu me machucasse.

A Batalha de Shiloh aconteceu de um dia para outro e matou 11 mil sulistas. Como nós fomos pegos de surpresa, tivemos que recuar e com isso a União obteve mais uma vitória. A situação da guerra estava se invertendo e o Norte estava conseguindo conquistar nossos estados. Memphis, New Orleans já estava nas mãos dos nortistas. Até que teve a Batalha de Chickamauga, onde invadiram Chattanooga, no Tenesse, e essa foi nossa última batalha, pois após essa batalha recuamos e a União atacou novamente desencadeando a Batalha de Chattanooga onde dividiu o Tenesse em dois. Agora o Rio Tenesse pertencia aos Nortistas. A cada batalha perdida meu pai passava a desacreditar na vitória do sul.

Algumas semanas se passaram e eu fui encontrar Henry no estábulo, ele estava um pouco melhor. Fazia algum tempo em que ele não apanhava de James. Me sentei ao lado dele e começamos a conversar. De repente, Henry me puxou para mais perto e começou a me beijar. Recuei e olhei para Henry.



Eu sabia o que ele queria e não sabia se estava preparada para isso. Ainda lembrava do que James tinha feito comigo e eu não tinha contado para Henry nada do que tinha acontecido. Eu não sei se conseguiria, mesmo sabendo que Henry não era nada igual a James.

- O que foi? – Ele perguntou.
 - Nada. – Respondi e apenas continuei a beijá-lo.
 - Madeline, se você não estiver confortável não irei fazer nada que não queira. – Eu não poderia me prender a algo que havia acontecido a algum tempo já. Fechei meus olhos e respondi.
 - Eu quero isso tanto quanto você. – Henry pôs uma de suas mãos sobre meu ombro e abaixou a alça do meu vestido. Olhei diretamente em seus olhos azuis e lhe beijei os lábios.
- Me deitei ao seu lado e Henry me observava. Meu pai jamais poderia descobrir o que eu havia acabado de fazer.

- Você é tão linda – Falou olhando em meus olhos.

- Seus olhos são tão lindos. Quando eu olho para eles parece que eu fico hipnotizada, você tem alguma coisa de diferente e eu ainda vou descobrir o que é – Sorri. Ele apenas acariciou meu cabelo e sorriu – Eu não queria contar isso, mas eu preciso.

- O que foi? Henry perguntou me olhando.

- No dia em que eu vim lhe trazer algumas frutas para comer e você me perguntou se eu estava bem, eu não estava bem. Não sei se você percebeu mas eu não sou mais virgem. Nesse dia James, ele... Você deve imaginar o que ele fez comigo. Ele havia descoberto que eu trazia comida para você. E como ele não quis contar para o meu pai ele decidiu se divertir um pouco. – Terminei de explicar tudo e uma lágrima escapou de meus olhos. Ele levantou e me olhou indignado.

- Por que você não me contou isso antes? Todas as vezes em que ele vinha me bater eu não tinha como bater de volta. Se eu soubesse eu pelo menos teria um motivo para dar uma surra nele. Madeline, você tinha que ter me contado isso antes. Se eu soubesse que você tinha passado por isso não teria continuado com isso, hoje. – Ele falou me olhando com pena. Eu esperava tudo de Henry, menos pena.

- Eu não te contei isso, para você ficar com pena de mim, Henry. – Levantei e comecei a vestir minhas roupas quando ele segurou meu pulso.



- Espera! Eu não queria dizer isso. – Ele tentou se explicar. Terminei de me vestir e decidi sair.

- Quando você não sentir pena de mim, eu volto aqui. – E saí bufando.

Capítulo 04

Passaram-se alguns dias e a minha menstruação não

estava descendo. Estava passando mal regularmente, e achava que estava grávida mas não tinha certeza e não podia contar para os meus pais. A única pessoa com quem eu podia contar era Henry e eu ainda estava com raiva dele. Quanto mais o tempo passava, mais batalhas nós perdíamos e mais desapontado meu pai ficava. Eu tinha que contar logo para Henry, e o pior de tudo era que se eu realmente estivesse grávida eu não sabia de quem seria o filho. Eu teria que ir falar com ele, então segui para o estabulo. Quando entrei no estábulo, Henry observava uma borboleta que voava.

- Eu preciso falar com você. – Falei de uma vez.

- Pensei que não viria mais. – Foi chegando mais perto.

- É, eu... Olha eu vou falar logo... Eu só preciso falar isso pra alguém ou do contrário eu vou explodir. Eu acho que eu estou grávida. – Vomitei as palavras de uma vez e ele me olhou meio atordoado.

- Como assim? – Ele perguntou.

- Como assim, o que? Você sabe muito bem o que aconteceu entre a gente. E ainda tem um problema. Se eu estiver mesmo grávida eu não sei se o filho é seu ou do James. – Disse e desabei a chorar. Senti os braços de Henry a minha volta e chorei ainda mais.

- Se você estiver grávida, esse filho é meu e ponto final. – Ele sussurrou em meu ouvido.

- Entenda uma coisa, eu te amo, Madeline. – Levantei minha cabeça de seu ombro e olhei em seus olhos.

- Eu também te amo, Henry Luther. – E ele me beijou.

No momento em que ele me abraçava fomos surpreendidos por uma voz alta e olhamos rapidamente para trás.

- Eu não aguento mais isso. Vocês estão entendendo? – James gritou. – Vocês dois vivem a historinha de amor de vocês e eu só levo broncas e esporros por não conseguir nenhuma informação desse miserável. Para mim chega, vocês estão entendendo? CHEGA! – Ele gritou mais uma vez e Henry se pôs na minha frente, garantindo que nada iria acontecer comigo.

- O que você quer, James? – Henry perguntou.

- O que eu quero? Eu quero matar você, quero que ela seja minha, quero que o pai dela morra e quero ficar com todas as terras. – Ele sorriu sarcástico. – Está bom para você?

- Uma coisa é querer e a outra é poder, não é mesmo? – Henry levantou uma das sobrancelhas enquanto falava.
- Uma coisa é você ter uma arma e a outra não, não é mesmo? – James falou e de repente tirou uma arma da parte de trás de sua calça. Dei um pulo de susto para trás e Henry ficou paralisado.
- Você acha que se me matar vai conseguir isso tudo?
- Eu tenho certeza soldadinho. – James gritava, quando meu pai entrou no estábulo.
- O que está acontecendo aqui? – Papai perguntou.
- Agora o show está completo. – apontando a arma para meu pai.
- Não ouse fazer isso. – Sibilei atrás de Henry.
- O que você vai fazer comigo? Me matar com suas delicadas mãozinhas? – E apontou a arma para mim.
- Já que você é tão homem quanto diz, atira logo. – Disse fechando os olhos.
- ESPERA, o que está acontecendo aqui? – Meu pai repetiu olhando de um lado para o outro.
- O que está acontecendo aqui, Richard? Simples, sua filhinha que você ama e tem tanto orgulho, esteve fazendo

nosso soldadinho aqui feliz. Os dois estão tendo um caso desde que trouxemos ele. – Olhei para meu pai e ele não acreditava no que estava escutando.

- Pai, eu. – Tentei me justificar de algum modo, mas não tinha como explicar o que eu havia feito.

- Não, Madeline. Não fala nada. – Meu pai fechou os olhos tentando não acreditar naquilo.

- Eu não sou a única culpada nessa história, não é James? – Fui chegando mais perto, até encostar a arma em meu peito.

- Você, cale sua boca. Sua vadiazinha. – James falou.

- Não, nós não estamos abrindo o jogo? Então vamos contar tudo, né? Sabia pai que o seu braço direito aqui já deu em cima da mamãe. Ele não trabalha para você por que gosta de você, ele trabalha por que gosta da sua vida e quer tomá-la de você. E não para por aí. – Sorri sarcasticamente.

- Isso é verdade, James? – Papai perguntou para James.

- Claro que não, Richard. Ela está inventando não é mesmo, Madeline? – Ele me olhou com uma cara de psicopata como se fosse para eu confirmar o que ele estava falando.

-E há algumas semanas atrás, James descobriu que eu estava cuidando de Henry, então ele se aproveitou da situação e, ele... – Respirei fundo e uma lágrima involuntária escorreu pelo meu rosto. – Ele me estuprou. E não, pai, eu

não estou inventando isso. Não tenho uma mente tão criativa assim.

Ao terminar de falar isso, James me acertou com a arma no rosto e me empurrou no chão com a maior força do mundo. Quando olhei para minhas pernas percebi que havia começado a sangrar. Mais lágrimas caíam de meus olhos. Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, muito sangue

estava saindo de dentro de mim. Eu estava vendo tudo embaçado por conta do que havia acabado de acontecer, apenas enxergava alguns vultos a minha volta e vozes gritando.

- O QUE VOCÊ FEZ? – Meu pai e Henry gritavam juntos.

- Minha filha, seu animal. – No momento em que escutei meu pai falando isso, enxerguei seu vulto indo em direção a James. James tentou disparar a arma contra meu pai e Henry tirou a arma de sua mão, James empurrou meu pai para o chão e tentou tirar a arma de Henry. Fechei meus olhos e escutei um estouro, um barulho enorme e o cheiro de pólvora. Não queria abrir meus olhos para ver quem tinha sido assassinado. Senti alguém me segurando e então abri meus olhos, era Henry. Comecei a chorar, se Henry estava vivo isso significava que meu pai não estava.

- Meu pai. – Sussurrei.

- Ele está vivo. Quem morreu foi o James. – De repente



minha mãe aparece no estábulo gritando.

- PERDEMOS, PERDEMOS! O Norte ganhou, tivemos que recuar. – Quando minha mãe olhou meu estado ficou desesperada e veio me ajudar.

Com James morto e com a Guerra por acabar, nossas vidas seguiram em frente, papai reconheceu que tinha feito muito mal à Henry e concedeu sua benção para o nosso casamento, Mathew conheceu uma jovem que era tao arrogante quanto ele e os dois nao pensaram duas vezes em celar os votos, Ellie continuou com nossa familia e eu ainda devo uma para ela, afinal, não duvido nada que ela tenha mexido alguns pauzinhos para que eu e Henry conseguissemos ficar juntos.

O meu pesadelo finalmente tinha terminado, agora só me restava aproveitar a vida que tinha com o amor que conheci na guerra.



Epílogo

Junto com a morte de James foi-se a batalha entre o Sul e o Norte. Infelizmente perdemos, mas lutamos com todas nossas forças, perdemos homens, maridos e pais maravilhosos nessa guerra, mas se pessoas não morressem, não seria uma guerra. Como Kennedy, já dizia: "O homem tem que estabelecer um final para a guerra, senão, a guerra estabelecerá um final para a humanidade."